

O homem da pasta de calfe preto

*Arnaldo Santos**

Neste alinhavar das horas do passado, já me falham sinais precisos sobre acontecimentos pretensamente tidos como indeléveis e surpreendo-me com o que me ocorre, quando penso no meu amigo Fernando Mourão; aliás, naquele que se transformaria no venerável professor da USP, Fernando Augusto Albuquerque Mourão.

Ele que me releve das impropriedades da minha gasta memória. Porventura, ela teimará em apresentar as minhas lembranças como coisas de ficção e ver o fantástico, lá onde afinal só havia apenas e simplesmente um jovem com vontade de ser e de existir, alguém que se encontrou, quiçá, demasiado cedo, a braços com os problemas do mundo. Ontem como hoje eles eram demais. Reconheço que isso poderia ser encarado com alguma naturalidade como ele o fazia. Mas não por mim.

E aqui dou-me a recordar o Mourão tal como lhe conheci na Casa dos Estudantes do Império, em Lisboa, aí por volta dos anos 60 do século transacto como uma personagem enigmática. Convenhamos que na ocasião me apareceu envolto numa atmosfera de segredos e mistérios, previamente preparada por um dos irmãos Pestana, o Augusto, então estudante de engenharia. Este abordara-me de uma maneira muito particular, em nome de um “núcleo duro” clandestino da CEI (esta expressão é vista com alguma bonomia pela historiadora Aida Freudenthall que tolera apenas a existência de uma corrente nacionalista-progressista) e me sondou sobre a questão colonial.

Era um assunto excessivamente pesado para mim. Na altura, eu era um católico praticante, pessoa de princípios dogmáticos, não transigia facilmente,

* Escritor e poeta angolano.

mas não quis fazer má figura. Antevia por detrás do Pestana, a espreitarem na sombra, os meus ex-colegas do liceu, o Gentil Viana, o Iko Carreira, o Carlos Ervedosa, o Videira, mesmo um *kamba* do Kinaxixi, o Vieira Lopes, uns bengalinhas como Paulo Jorge, Araújo e até são-tomistas com o Tomás Medeiros, sem esquecer o Costa Andrade “We Lépi” e Edmundo Rocha, enfim, não faltaria quem viesse a testemunhar para a posteridade a minha falência de convicções e os que se poderiam interessar pela tentativa do Augusto em me cooptar para fins não especificados.

Este longo parêntesis foi necessário para dar como inevitável a colação das frequentes visitas do Fernando Mourão, estudante de Direito de Coimbra, à Casa, se não fora por algo de origem subversiva. Minha imaginação era fértil e ainda que o Fernando Mourão não se mostrasse na época como figura à altura de grandes protagonismos; era mal alimentado, magro e frágil de aspecto à semelhança de um qualquer fauno, ou será que essa é que era a efígie da moda na Europa entre os intelectuais revolucionários? Aqui na banda, nós preferíamos-os do tipo *quissassa*, mas esses carregam máscaras e infundem medo. Não era bem o caso do Mourão que nem sequer tinha pés de cabra, aliás, de bambi e como já afirmei, era franzino, usava uns óculos de moldura fina e uma farda de alferes do Exército Português, mal ajustada e que nada tinha de fantasmagórica.

Na hora, confundi-lhe então com o tal ser mítico, talvez por ter ouvido, “*L’après midi d’un faune*” de Debussy, já que Mallarmé, o autor do poema, não fazia parte dos vates das minhas relações. Espero que esta passagem não seja entendida como uma tentativa sub-reptícia de mostrar erudição e só a menciono *en passant*, uma vez que Fernando Mourão por essa ocasião me ajudou a organizar meticulosamente os meus contactos em Paris, ao conhecer das minhas intenções em visitar aquela cidade.

Fê-lo com uma seriedade quase conspirativa porque excluiu alguns lugares de cultura como Moulin Rouge e o Folies Bergères, substituindo-os pela livraria Maspero e uns quantos endereços renomados para além do Quartier Latin. Na realidade, apercebi-me que levava para Paris mais do que umas garrafas de vinho do Porto e chouriços das Beiras para umas quantas pessoas suspeitas que se refugiavam naquela cidade. Embora inocente mas não ingênuo, desconfiei que o recado aparentemente anódino de Amílcar Cabral para o Mário Pinto de Andrade tinha algo de venenoso e que o panfleto de Abel Djassi (Amílcar Cabral) podia ter sido usado para embrulhar os próprios chouriços.

Enfim, agora que estamos em maré de divagações impressionistas, talvez já possa descobrir onde e quando surgiu verdadeiramente a ideia que mantive durante muito tempo que o Fernando Mourão era mesmo um perigoso ativista, quicá, um personagem da conjura anticolonial, embaraçado no papel de investigador do ponto de vista do “outro” mas sempre atento ao dealbar do seu tempo futuro.

Reconheço que a minha longa introdução frustrou irremediavelmente o propósito deliberado de criar um certo *frisson* (e o uso deste étimo do francês, aqui, não é de todo descabido, tendo em vista os antecedentes já narrados), para preparar o relato da experiência que mais me marcou na relação com o Fernando Mourão, enquanto personagem feito de um misto de fauno e *quissassa* sobraçando a sua pasta de calfe preto. A meus olhos ela, a pasta, dava-lhe um poder temível. Não consegui esse efeito. E lamento por mim, e por ele.

Em boa verdade não tinha outro recurso porque nunca vi o Mourão de pistola na ilharga e muito menos a empunhar uma *kalash* feito um guerrilheiro. Mas quero insistir na mala de calfe preto. Ele tornava-se verdadeiramente perigoso, quando a abria e ... sacava. Sim, quando sacava a modos dos heróis dos filmes da conquista do oeste americano. Era nesse instante, o seu grande momento de glória. Um após outro, com a lenta precisão do atirador filmado ao retardador, Fernando Mourão retirava os livros da grande conjura humana, os livros que com os quais se descerrariam os segredos que levavam à servidão humana. Eram descargas silenciosas, mas demolidoras, porque milagre dos milagres, a pasta como poço inesgotável não tinha fundo e estava umbilicada ao tempo futuro.

A polícia política – PIDE – definitivamente organizada para atender o Ultramar a partir de 1960, nunca deu pelo poder da pasta de calfe preto e eu, na pele de um presuntivo e inocente poeta “revolucionário” em férias graciosas, também não chamava a atenção quando passei a usá-la com ar de estudante de Direito.

Na ocasião ignorava ainda muita coisa, que os milagres não existiam e que a minha amizade com o Fernando Mourão apenas tinha começado, mas seria plena de “continuidades e discontinuidades” num processo que espero esteja longe de estar encerrado.